

Polemica

Philosophia e controversias...

Só, ha dias, de uma remessa de exemplares da *Folha do Norte*, se me deparou o numero de 13 de Abril com um commentario de Alcides Gentil sobre o meu artigo — "*Espirito Novo*" — publicado no dia anterior, nesse mesmo periodico, commentario que, talvez, por ter sido redigido de afogadilho, me attribue confusões, si não erros de technica philosophica, além de assertos que tenha eu avançado, aliás, em franco desaccordo com o meu pensamento.

Em vehemente critica ao ensino da philosophia no curso secundario e ao programma desta disciplina no Gymnasio Paes de Carvalho, valeu-se o ardoroso polemista, investindo-me em uma auctoridade intellectual que muito longe estou de possuir, de dois topicos do escripto acima citado, visando com isso patentear o absurdo da lei federal em exigir de cerebros, ainda por amadurecer, uma ordem de conhecimentos cuja imprecisão resalta, para elle, da propria terminologia.

Para mais facilmente articular a minha defesa, vou reproduzir o que então escrevi :

“Emfim, si se argumenta que a impossibilidade da introdução da sociologia no curso juridico vem de não ser a mesma rigorosamente exacta nas suas construcções doutrinarias, convem egualmente não esquecer que muito mais pronunciadas são as indecisões do espirito philosophico quando ás voltas com as questões que ultrapassam os limites do Cognoscivel. As controversias dos philosophos são muito mais irreconciliaveis e radicaes do que os debates travados entre sociologos.

Vale tambem a pena notar que as dissertações philosophicas estão menos ao alcance da intelligencia juvenil do que as dissertações sociologicas, porque, enquanto aquellas pairam no alto dominio da abstracção e da generalização, quando não tentam escalar a muralha que esconde ao irreverente olhar do metaphysico a tão recatada e enigmatica Verdade Primordial, as ultimas assentam no terreno prosaico dos factos, sobre elles constroem, estão mais em contacto com a realidade phenomenol, materia prima de toda experiencia, logo, de todo raciocinio scientifico”.

Diz Alcides Gentil que “*à só linguagem*” com que aprecio “*o objecto dessa disciplina*” (a philosophia), “*revela inaturavel confusão*”, citando, então, como prova do que lhe parece justificar tal afirmativa : “As controversias dos philosophos são muito mais irreconciliaveis e radicaes do que os debates entre sociologos”; e mais adeante : “As dissertações philosophicas pairam no alto dominio

da abstracção e da generalização, ao passo que as da sociologia assentam no terreno prosaico dos factos”.

Antes de tudo, cae Alcides Gentil em evidente equívoco quanto a ter eu confundido o *objecto da philosophia* com as *controversias dos philosophos*. Em qualquer ramo do Saber, além do já demonstrado, do rigorosamente scientifico, ha o que está por esclarecer, por demonstrar; d’ahi divergencias, controversias, que se entrechocam, para se isolarem depois em systemas de idéas antagonicos.

Em physica, em biologia, em psychologia, ou por outra, desde as sciencias mais simples ás mais complexas, a par de principios, de leis que a experiencia formula, ha o que escapa á analyse e á synthese, resvalando para a arena das conjecturas e das disputas. Entretanto, ninguem confundirá, por exemplo, com o objecto da physica as interminaveis discussões entre os partidarios da doutrina atomistica e os da doutrina energetica. Tambem não se enquadra toda a biologia nas controversias que separam entre si animistas, vitalistas, neo-vitalistas e os que vêem no factô vital um simples *processus* de base physico-chimica. Nem se resume toda psychologia na diversidade de theorias, que se contradizem em torno do que seja o mechanismo intimo dos centros nervosos, prepostos á dinamica das funcções cerebraes.

Em philosophia, é certo que as controversias assumem maior amplitude, as suas dissertações pairam mais elevadas, “no alto dominio da abstracção e da generalização”, do que as em qualquer sciencia, inclusive a sociologia, por comprehender o espirito philosophico uma area de ideação mais vasta, tanto mais a dilatar-se quanto mais extensiva fôr a experiencia scientifica dos multiplos aspectos da realidade.

Si, por ventura, fosse intuito meu, quando escrevi aquelles topicos, apreciar o objecto da philosophia, certamente, de parte as controversias em que se empenham as escolas, abstraindo mesmo os pontos em que estas se repellem, teria dito ou deixado transparecer que ella, através da sua evolução historica, se destaca do conhecimento vulgar, amorpho, não systematizado, ora como um esforço do pensamento humano para conter em uma visão de conjuncto a pluralidade e a razão de ser das cousas, ora como synthese subjectiva da unidade objectiva da vida universal.

Para Alcides Gentil eu confundo a philosophia com a "dogmatica transcendental — imperio do Incognoscivel, onde nenhuma affirmacão admitte controversias".

Reparando-se bem para os dois topicos que suscitaram o commentario, verifica-se que me refiro alli ás indecisões do espirito philosophico, quando ás voltas com as questões que ultrapassam os limites do Cognoscivel e ainda ás suas tentativas de escalar a muralha que esconde ao irreverente olhar do metaphysico a tão recatada e enigmatica Verdade Primordial : — do que se conclue que, aquem da *dogmatica transcendental*, reconhecia eu uma zona onde tambem poderia espraiar-se o espirito philosophico, isto é, fóra das regiões do Incognoscivel.

O que, porém, não deixa de ser interessante é que, enquanto Alcides Gentil descobre que eu tenho confundido o objecto da philosophia com as controversias philosophicas, dá egualmente com identica confusão entre a philosophia e a dogmatica transcendental — "disciplina onde nenhuma affirmacão admitte controversia". De sorte que

fico sem saber ao certo qual das duas *confusões* é a verdadeira...

Philosophia e sciencia

Para Alcides Gentil “a philosophia é a investigação do desconhecido pelo que se conhece. E’, por conseguinte, o dominio da hypothese. Logo, do facto. Não pôde suggerir hypotheses quem não observou “factos” que demandam esclarecimentos, porque toda hypothese é uma explicação racional de um facto”.

Este, e outros periodos que analysarei em seguida, se prestam a uma serie de considerações que me tornam perplexo quanto á exacta maneira de pensar do illustre publicista, relativamente ao objecto da philosophia :

1.º — Investigação do desconhecido pelo que se conhece: este conceito é, mais ou menos, o de Claude Bernard — “a philosophia representa a aspiração eterna da razão humana para o desconhecido”; (1) mais approximado do de Jouffroy: — “a sciencia do que ainda não pôde tornar-se o objecto de uma sciencia... a sciencia do obscuro, do indeterminado, do desconhecido”. (2). Taes definições peccam por exclusivistas, porquanto remontam á phase historica em que a philosophia vae perder-se nos devaneios do apriorismo metaphysico, ou, por outra, descança no rigido regaço dessa mesma “dogmatica transcendental”.

(1) *Introduction à la médecine expérimentale*, p. 387.

(2) *Nouveaux mélanges philosophiques*, p. 145.

2.º — “Philosophia — dominio da hypothese; esta — uma explicação racional de um facto”. Ora, se a hypothese — dominio da philosophia — *é uma explicação racional de um facto*, logo, deixa de ser a *investigação do desconhecido para ser o racionalmente explicado*. Em que se baseia uma applicação racional de um facto? Em apprehendel-o nas suas differentes modalidades, nas suas relações intrinsecas e extrinsecas, quer dizer, no seu dynamismo intimo e através do *nexus* natural que o liga a outros. Consequentemente, entre investigar o que se não conhece e explical-o racionalmente, ha, por força, grande distancia, senão flagrante contradicção. Seria mais coherente, mais logico com o conceito da philosophia — dominio da hypothese — si a esta tivesse dado o commentario acceção menos elastica: uma explicação racional de um facto, *mas provisoria* (Philosophia) susceptivel de ser confirmada ou substituida por uma explicação racional, *mas definitiva* (Sciencia).

A proposito de philosophia e sciencia, apparecem estas tambem, quando não em espheras diametralmente oppostas, como formas intellectuaes inteiramente distinctas, sendo que a primeira em plano inferior; a philosophia é o dominio do hypothetico, admittindo-se a hypothese no sentido em que naturalmente se deve tomar, como “explicação anticipada” de factos, como uma especie de verdade provisoria; a sciencia é o dominio do que é susceptivel de previsão, “o campo da *dogmatica experimental*”. “Emquanto o espirito humano não attinge *essa fronteira*” (da dogmatica experimental) faz, em vez de sciencia, philosophia; donde a seguinte conclusão: passarem as hypotheses, quaesquer que sejam ellas, mesmo as das sciencias menos abstractas, a manipular-se no gabinete dos philosophos,

só restando aos sabios, ao astrónomo, ao chimico, ao physico, ao naturalista, ao sociologo, encaixotarem o seu copioso arsenal de instrumentos de busca, as suas preciosas collecções, toda uma larga e solida documentação pacientemente accumulada em longos seculos de pesquisas, aguardando, tranquilllos, que lhes entreguem aquelles a chave magica das *verdades occultas*...

Convem, entretanto, observar que essa "dogmatica experimental" em que deve, como pretende Alcides Gentil, terminar "a elaboração philosophica", não póde ser encarada, no ponto de vista gnoseologico, como o absolutamente infallivel; a previsão scientifica que é o seu conteúdo subjectivo, e em que elle tanto insiste, seguindo aqui a orientação positivista, tem um valor todo relativo, pois, na maioria dos casos, resulta de inducções que para os discipulos mais orthodoxos de Comte não vão além de fórmulas approximadas da realidade phenomenical.

Assim, como todas as dogmaticas, a dogmatica experimental, longe de petrificar-se em uma immobildade de principios immutaveis, absolutos, tende sempre a modificar-se, a corrigir-se, como fórma superior, por isso mesmo relativamente menos estavel, da dynamica vital do pensamento.

Si, como ensina o positivismo, é a previsão a característica essencial da sciencia; si "o scientifico é, como pensa Fouillée, o que ninguém mais contesta, o que entra a fazer parte da experiencia collectiva e da razão collectiva"; tambem é justo o que aquelle eminente philosopho escreve sobre a sciencia considerada em sentido amplo, *menos dogmatico*: — "systema racional de factos e idéas capaz de arrastar, sobre quaesquer pontos, a certeza, a probabilidade ou mesmo uma duvida conscien-

te de suas razões. Conhecer que se não conhece, e porque, é ainda conhecer: uma solução. Saber que uma cousa é possível ou, melhor ainda, que é provável, em virtude de taes razões pró e de taes razões contra, é sempre saber. A crença fundada sobre as razões entra, por isso, na sciencia. Esta é, pois, todo producto legitimo da intelligencia exercendo-se livremente com o auxilio do que os theologos chamam a "luz natural". *Assim entendida, a sciencia envolve a philosophia geral como as sciencias particulares.* (3)

Em resumo, o que se deprehende da historia cultural do homem, é que "a evolução do indeterminado philosophico para o determinado scientifico foi sempre governada pela correlação constante entre o gráo de differenciação do saber (estado das sciencias particulares) e o gráo de sua integração (estado da philosophia)". (Roberty) (4)

Longe de se afastarem, ou de se constituirem em disciplinas inteiramente distinctas, sciencia e philosophia marcam duas etapas do desenvolvimento mental da especie humana, as quaes, á medida que esta distende, por experiencias successivas, o seu poder de adaptação ao mundo exterior, intimamente se entrelaçam e se completam por generalizações, por hypotheses tanto mais philosophicas quanto mais scientificas, e tanto mais scientificas quanto mais philosophicas.

(3) *Révue Philosophique*, 1896, p. 12.

(4) *La philosophie du siècle*, p. 188.

Philosophia e metaphysica

I

Muito atarefado com outros encargos, tive de interromper a analyse iniciada em dois escriptos anteriores, do commentario de Alcides Gentil em torno de um dos meus artigos, publicado na *Folha*.

“Na linguagem do dr. Joaquim Pimenta, prosegue o vibrante publicista, a obscuridade resulta de duas causas: — uma, a habitual confusão da philosophia com a metaphysica. Ao passo que a philosophia investiga o desconhecido, para alcançar a verdade theorica dos factos, a metaphysica coordena todos os conhecimentos adquiridos, dá-lhes concepção em derredor de um principio supremo, e dessa concepção deduz as leis da conducta”.

Tal confusão, a mim attribuida, salvo engano, parece relacionar-se com ter eu avançado, em um dos topicos, que as “dissertações philosophicas” pairam no alto dominio da abstracção e da generalização, quando deveria ter dito as “dissertações metaphysicas”.

Affirmar que as dissertações philosophicas pairam no alto dominio da abstracção, não quer dizer se confundam todas ellas com as dissertações metaphysicas — tomado aqui o termo “metaphysico” no sentido classico, tradicional, dogmatico — do que se concebe aprioristicamente, por mera intuição, ou por um jogo dialectico de puro raciocinio. No alto dominio do Abstracto e do Geral frequentes vezes entra o Experimental, ou por outra, abstrahir e generalizar são processos fundamen-

taes na genese das idéas e no seu progressivo evol-
ver, desde quando apenas esboçam a imagem ain-
da tosea da realidade, até quando se condensam
em vastas *syntheses* coordenadoras das ultimas
aquisições da experiencia scientifica. Podem, as-
sim, as dissertações philosophicas cingir-se ao ex-
clusivo dominio das sciencias experimentaes, abs-
traindo, generalizando, systematizando os resul-
tados ultimos das investigações de cada uma, en-
feixando-os, enfim, em uma unidade subjectiva
mais larga, mais complexa, abrangendo aspectos
multiplos da Realidade. Aliás, não era outro o pen-
samento de Littré quando escreveu que — “a phi-
losophia generaliza a sciencia, como a sciencia ge-
neraliza a experiencia”, e tambem o de Herbert
Spencer, quando definiu o conhecimento philoso-
phico — “o conhecimento completamente unifica-
do”.

Quanto ás dissertações metaphysicas, na accep-
ção em que acima as considerei, si é certo que nin-
guem garantirá sejam de todo despidas de um fun-
do empirico qualquer, não assentem ellas em um
substrato de experiencias subconscientes, talvez an-
cestraes, tambem é indiscutivel resultarem, sobre-
tudo, dessa tendencia, que se tornou hereditaria no
espirito humano, a ultrapassar as fronteiras do
Objectivo, do Sensivel, como que a projectar-se
muito além de si mesmo, em um mundo só visivel
através das subtilezas da imaginação.

Relativamente ao criterio em que se tenha ba-
seado Alcides Gentil, para fixar a differença entre
“*philosophia* e *metaphysica*”, pode elle admittir-se
antes como um ponto de vista pessoal, do que como
um discernimento com apoio na historia dos
systemas philosophicos, fonte unica donde hau-

rir elementos seguros para uma discriminação exacta das duas disciplinas em confronto.

Recorrendo-se á origem historica dos dois termos (*philosophia* e *metaphysica*) e ás suas alterações semânticas, concluir-se-á que, á parte o positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer, os quaes, desenvolvendo idéas de Hume, de Locke, de Kant, sempre insistiram em circumscrever a orbita do espirito philosophico ao Phenomenal, ao Relativo, nos demais systemas, a *metaphysica* está para a *philosophia* como a parte para o todo, como a cupula para o edificio. E' a "*philosophia primeira*" — a escala mais alta attingida pelo intellecto humano, vetusto amphitheatro das especulações mais transcendentales sobre a razão de ser das cousas.

A palavra *metaphysica* surgiu de uma classificação das obras de Aristoteles por um contemporaneo de Cicero, Andronico de Rhodes. "*Metaphysicas*" eram as obras que tratavam de assumptos varios que, por sua natureza, não podiam ser incluídos na *Physica*. Com os escolasticos, os primeiros que a empregaram no singular, utilizando-se tambem da expressão equivalente — "*transphysica*" — foi a *metaphysica* perdendo o seu primitivo sentido tecnico, até alcançar o eminente posto em que, transpondo seculos, foi o velho Kant, surprehendel-a já investida na aristocratica missão gnoseologica de "ir além de todos os objectos de experiencia". (5)

Ainda sob o ponto de vista historico, nessa "*philosophia primeira*" ou *metaphysica*, é que, com mais acerto, cabe o conceito de *philosophia* formu-

(5) Cf. Rudolf Encken — *Las grandes corrientes del pensamiento contemporaneo* — pag. 141, ed. esp. de 1912.

lado por Alcides Gentil : — “dominio da hypothese — investigação do desconhecido pelo que se conhece”. Porque, a não ser que essa investigação se proceda pelo methodo scientifico (porque ahi ella deixa de ser philosophica); a não ser que esse “desconhecido” caia sob os instrumentos de analyse do Sabio, tal indagação só se poderá fazer aprioristicamente, intuitivamente; como esse “desconhecido” outra cousa não poderá ser, além daquella região que, com o correr das edades, se veiu cada vez mais fechando ao raciocinio inductivo, e onde se refugia, impenetravel, inaccessivel, a idéa de causalidade universal, o Deus-puro espirito dos theologos, a Substancia dos pantheistas e dos monistas, a Materia, o Absoluto, o Infinito, ou para falar com os relativistas : o Nomeno de Kant, o Incondicionado de Hamilton, o Incognoscivel de Spencer, o Ignoto de Ardigò, lembrando só os nomes de mais autoridade que atacaram de frente o problema do conhecimento.

II

Vejamos agora a funcção da metaphysica, segundo Alcides Gentil : ella “coordena todos os conhecimentos adquiridos, dá-lhes concepção em derredor de um principio supremo, e dessa concepção deduz as leis da conducta”.

Modo analogo de comprehender a metaphysica se encontra em um excellente livrinho do mallogrado philosopho Basilio Conta — “Les Fondements de la Metaphysique” (p. 33 a 43) : A metaphysica apparece alli como “a sciencia que tende a abraçar todos os conhecimentos humanos em um só pensamento e na esphera de uma só idéa universal”. Mas

além de comportar-se “como sciencia propriamente dita, quando, para explicar as verdades scientificas mais elevadas e mais geraes, demonstra que se assemelham entre si, sob certos pontos de vista, e as grupa todas definitivamente em uma classe representada por um só principio universal”, por outro lado, deixa ella de ser uma sciencia propriamente dita, quando quer explicar do mesmo modo o principio universal em que fundiu todas as verdades scientificas; porque, uma explicação scientifica exigiria que o principio universal fosse posto em uma classe em que se encontrassem outros principios similares, o que se tornou impossivel pela fusão mesma de todas as verdades em um só principio. Ainda que seja impossivel á metaphysica explicar scientificamente o mundo, deve ella, todavia, procurar ao menos tornar intelligivel o principio universal, que é definitivamente o objecto de suas investigações. Com esse fim, ella procura e acha relações de analogia entre o principio universal e certas idéas geraes ou mesmo certos objectos individuaes; pois, graças á sua similitude incompleta, fórma ella classificações exclusivameste baseadas sobre metaphoras reconhecidas como taes e sobre “hypotheses inherificaveis”.

Muito de proposito reproduzi na integra os dizeres de Basilio Conta, primeiro pela coincidência de que a sua definição de Metaphysica quasi em nada differe da de Alcides Gentil; segundo, porque alli, como em paginas successivas, “metaphysica” e “philosophia” se confundem em uma só unidade logica; terceiro, ainda, porque sob a denominação geral de metaphysica Basilio Conta comprehende hypotheses, “quasi-conhecimentos”, ou antes, “a investigação do desconhecido, para alcançar a verdade theorica dos factos” — tarefa esta

privativamente conferida á philosophia pelo meu amavel antagonista.

Para melhor illustrar o intimo, si não inquebrantavel entrelaçamento entre a philosophia e a methaphysica, como é esta comprehendida por Basilio Conta e Alcides Gentil, transcrevo o seguinte trecho : (pags. 42 e 43) :

“Para attingir á concepção unitaria do universo, baseada sobre a totalidade dos conhecimentos humanos, deve a metaphysica occupar-se :

a) — Do exame da validez de nossos conhecimentos no ponto de vista de sua veracidade e de sua conformidade com a realidade;

b) — Da determinação e da explicação dos caracteres communs a todas as cousas, taes como a substancia, a causa, a fórma, etc.;

c) — Da redução á unidade de todas as cousas e de todos os conhecimentos, quer reunindo, sob um só principio universal todos os principios sahidos das sciencias positivas, quer concebendo todas as outras relações que fazem do universo um só todo organico;

d) — Do estabelecimento de hypotheses verificaveis ou mesmo inverificaveis (destas ultimas sobretudo) cuja probabilidade seja baseada sobre os resultados das sciencias particulares positivas, hypotheses que sejam ao mesmo tempo as mais proprias a constituir um systema metaphysico completo sobre o mundo considerado como um todo organico, e a tornar intelligiveis nesse systema o maior numero de concepções”.

Mas não é só em Basilio Conta que a philosophia, como a entende Alcides Gentil — investigação do desconhecido — dominio da hypothese — se confunde com a metaphysica, ou, mais categoricamente, continúa esta como um departamento

daquella; á excepção dos adeptos do princípio da relatividade do Conhecimento, para os quaes não deve o pensamento philosophico transpôr o campo do Phenomenal, fazendo repousar o criterio de toda certeza nos dados da experiencia, para os demais philosophos e criticos da philosophia contemporanea o ponto de fusão entre esta e a metaphysica tende cada vez mais a fixar-se onde começam a falhar os processos de observação e analyse experimental dos factos.

Assim, Abel Rey, depois de alludir ás tradicionais relações entre a philosophia e outros ramos do Saber, alguns dos quaes tidos ainda hoje como divisões da mesma, adéanta :

“Psychologia, esthetica, logica, moral, tornam-se sciencias positivas particulares, que devem desenvolver-se com o auxilio do methodo empregado a todas as outras sciencias da natureza: o methodo experimental, e com o concurso sómente deste methodo. A reflexão philosophica nada tem mais que fazer com essas buscas. Repellido implacavelmente por todas ellas, não pôde mais ter por dominio sinão ensaios hypotheticos sobre a origem, o fim e a natureza ultima das cousas, tentativas com o objectivo de ter uma vista de conjuncto do universo. A *Philosophia* deve reduzir-se á *metaphysica*. *Philosophia* e *metaphysica* tornam-se termos synonymos. (6)

Um pensador de grande prestigio, citado por A. Rey, o psychologo francez Th. Ribot, tratando da philosophia, escreve :

“Outr’ora ella encerrava tudo, principios e consequencias, causas e factos, verdades geraes e

(6) *Psychologie*, pag. 12.

resultados. Actualmente ella apresenta o singular espectaculo de uma sciencia universal, por certos lados, particular por outros. Mais tarde só conterá as especulações geraes do espirito humano sobre os primeiros principios e as razões ultimas de todas as cousas. *Ella será a metaphysica, nada mais.* O que, então, occupará os philosophos (ou os "metaphysicos") e o que constituirá seu dominio proprio, será "este desconhecido" sobre o qual cada sciencia se estabelece e que ella abandonará ás disputas entre aquelles". (7)

Não é erro dizer-se que, como os autores acima citados, a unanimidade dos historiadores, antigos e modernos, tem encontrado nessa investigação do Desconhecido (objecto da philosophia, segundo Alcides Gentil) o philosopho e o metaphysico tão collados, palmilhando ambos o mesmo terreno, erigido dos mesmos problemas, das mesmas hypotheses, que um e outro acabam incorporando-se, fundindo-se em uma entidade unica e indivisivel.

III

Emquanto o conceito de philosophia, como o formulou Alcides Gentil, ajusta-se bem á metaphysica, o conceito que faz desta, quadra-se melhor áquella, o que vamos vêr através de uma pequena synthese historica.

Palavra de origem grega, philosophia usava-se primitivamente em sentido amplo, elastico, aliás, peculiar a todo vocabulo que se fórma com ten-

(7) *La Psychologie anglaise contemporaine*, pags. 3 a 22.

dencias generalizadoras. Era indistinctamente philosopho quem possuisse um certo gráo de cultura ou quem se dêsse a pesquisas de character instructivo; quem viajasse com o intuito de observar, de conhecer terras e costumes; quem colleccionasse plantas, animaes, objectos curiosos, obras litterarias e eruditas; ou revelasse excellentes dotes oratorios, ou excepçionaes qualidades de artista.

Com as primeiras escolas (jonia, eleatica, pythagorica, atomistica) tende a restringir-se, a precisar-se o conceito de philosophia; já não entra no dominio philosophico todo e qualquer saber mas um systema mais ou menos harmonico, mais ou menos uniforme, de concepções, de idéas geraes da realidade, dos phenomenos — “uma vista de conjuncto do Universo”: — da materia, da vida, do espirito, da sociedade.

Além de “sciencia geral” das cousas, é uma “arte” — a que ensina a pratica do bem, da virtude, da “sabedoria”. Como sciencia, a philosophia investiga indistinctamente a origem de todos os factos, a causa primaria do mundo, de todos os sêres, ou antes — “a existencia invariavel da qual as especies de sêres são os estados variaveis”. Para uns, essa causa primaria é a agua, ou o fogo, ou o ar, ou um elemento ainda mais subtil que este; para outros, reside ella em quatro elementos, ora combinados, cohesos, ora chocando-se, em repulsão; terra, agua, fogo e ar.

Na escola atomistica taes elementos se substituem por atomos em numero infinito e em eterno movimento, d’onde a Materia — fonte primordial de todo existir. Entre os pythagoricos, a realidade se resolve em abstracções — os Numeros, origem dos sêres, aquelles, por sua vez, derivando da Unidade. Torna-se, então, a Philosophia — “o co-

nhecimento das cousas immateriaes e eternas" — uma concepção mathematica e abstracta do Universo.

De parte a escola socratica, em que a philosophia se reduz a uma ethica de fundo idealista — sciencia do homem como agente da virtude, em Platão e Aristóteles eleva-se ella á mais alta generalização do Saber. Não mais se apoia exclusivamente na physica e na mathematica; tambem não é uma determinada ordem de noções, nem a somma de todos os conhecimentos; é a sciencia dos principios ou das verdades supremas, do que é eterno, permanente, immutavel, na vida universal, comprehendendo ainda a "sciencia do bem" — uma regra de acção "que eleva o espirito do philosopho acima dos preconceitos vulgares". As outras correntes philosophicas da cultura hellenica, o epicurismo, o stoicismo e os demais systemas de tendencias divergentes, sensualistas, racionalistas e mysticos, mesmo os que exaggeram o aspecto moral da philosophia, não lhe tiram o alto caracter de generalidade.

Na idade media, por um phenomeno de regressão mental, deixa a philosophia de ser autonoma, subordinando-se á theologia. A tentativa de conciliar a fé e a razão, as crencas christãs com os principios da metaphysica independente, deu em resultado a submissão do espirito humano á autoridade ecclesiastica e, como consequencia immediata, a suppressão do livre exame, sem o qual é impossivel o avango do pensamento philosophico. Contribuiu para que tal acontecesse, além do monopolio da educação moral e intellectual pela Igreja depositaria de preciosos thesouros litterarios e scientificos da cultura grego-latina, o prestigio social do christianismo victorioso sobre o paganismo,

aliás, já em franca decadência antes do advento da religião christã.

Com a Renascença inicia-se uma vida nova para o espirito humano: a divulgação dos processos technicos da arte grega, das obras de literatura e philosophia, muitas das quaes a civilização arabe conservara intactas; o exame dos textos do Velho e Novo Testamento; a incredulidade que invadia as classes instruidas, insinuando-se entre os membros do clero; a reacção contra a Escolastica, investindo á rigida crosta do seu autoritarismo doutrinario; a ansia de devassar os segredos da natureza, sem mais o receio de incorrer na colera divina, ou de se deixar fugar em alguma emboscada satanica; eis o que contribuiu para rejuvenescer e disciplinar o pensamento nos seus impulsos em busca de verdades que se esquivavam á decrepitude e aridez de uma dialectica artificiosa e verbal. A' crença dogmatica oppõe-se a duvida, a discussão, a critica; costumes, leis, preconceitos, idéas dominantes, tudo é assaltado, esquadrihado, sem respeito á tradição que alli grudára o sello da inviolabilidade. Reata-se o fio de ouro das grandes concepções do genio grego, umas proscriptas, outras mutiladas, desfiguradas pela caturrice sectaria dos theologos. Volta-se á analyse, refaz-se a synthese da realidade — como se vae descortinando esta a olhos mortaes : — um systema de forças que continuamente se chocam, se combinam e se transformam...

Bacon afasta do terreno das cogitações philosophicas as crenças religiosas que, para elle, têm de formar um dominio á parte: a religião e os seus dogmas devem interessar aos crentes, não aos sabios. Apoiando-se na velha doutrina das faculdades da alma, classifica os conhecimentos humanos em

tres ordens : a philosophia, que é obra da razão; a historia, que corresponde á memoria; a poesia, que é filha da imaginação. A philosophia tem por objecto Deus, a natureza, o homem, abrangendo, pois, tres partes: theologia natural, philosophia natural, philosophia humana.

O grande merito de Bacon está, porém, na orientação de base experimental que elle procurou imprimir ao espirito philosophico. Adversario da tradição escolastica, do formalismo sêdico, da sua logica syllogistica, reivindicou para as sciencias e para a philosophia a adopção do methodo inductivo, isto é, o estudo detalhado, esrapuloso dos phenomenos, em vez de subordinal-os a idéas preconcebidas, a principios aprioristicos, immutaveis, aos quaes se encadeiara todo raciocinio.

Com Descartes passa a philosophia a ser uma sciencia universal: é a sciencia dos primeiros principios, da natureza, do homem, de Deus, comprehendendo ainda, além do conhecimento mais abstracto, uma disciplina reguladora dos nossos actos. Compara elle a philosophia a uma arvore; as raizes são a metaphysica — que contém os principios do conhecimento; o tronco é a physica, que contém os principios das cousas materiaes e examina como se formou o Universo, a natureza dos corpos inorganicos, das plantas, dos animaes, inclusive o homem; os ramos são todas as outras sciencias, as quaes reduz a tres principaes : medicina, mecnica, e moral — marcando esta ultima o grão da sabedoria.

IV

Até Bacon e Descartes, a philosophia tinha geralmente em vista uma explicação da origem das

cousas: era, antes de tudo, uma theoria do Universo, de feição monotheista, pantheista, materialista, sensualista ou idealista. Com esses dois philosophos e ainda com Hobbes, além da idéa de uma causalidade universal, entra ella a insistir sobre a genese e natureza dos nossos conhecimentos; torna-se tambem uma "theoria do conhecimento":

Que conhecemos nós? Até onde alcança a nossa capacidade de conhecer? Ou por outros termos: Qual o conteúdo do nosso saber? Como se constitue elle em syntheses? Apprehendem estas toda realidade, ou do Real alguma coisa foge ao nosso poder de percepção?

Si Bacon fez a critica dos erros da Escolastica e baseou o criterio da verdade philosophica sobre o testemunho da inducção; si Descartes busca a fonte primaria de toda certeza na consciencia do nosso proprio existir espiritual. ("cogito ergo sum") pela preeminencia das idéas claras, que della emanam, Hobbes faz da philosophia "o conhecimento raciocinado dos effeitos pelas suas causas e das causas pelos seus effeitos. Philosophar é pensar justo; ora, pensar é juntar uma noção a outra ou separal-as; é addicionar ou subtrahir, isto é, contar, calcular; pensar justo é, pois, unir o que deve ser unido, distinguir o que deve ser distincto. D'onde se segue que a philosophia só póde ter por objecto o que é possível "compôr" ou "decompôr", isto é "corpos". Os espiritos puros, anjos, almas dos mortos, Deus, não poderiam ser pensados. São objectos de fé, interessando á theologia, não objectos de sciencia, interessando á philosophia". Esta, ou se occupe dos phenomenos physicos, ou dos factos moraes, é sempre uma sciencia experimental, assenta na experiencia directa dos corpos, tendo por instrumento de analyse a sensibilidade externa e

interna. Fóra da sciencia de observação, não ha saber real. Pensar é, pois, definitivamente, sentir. Conhecer é addicionar sensações. (8)

Essa tendencia da philosophia a tornar-se em theoria geral do conhecimento, continúa accentuando-se com Locke, Berkeleley, Condillac, Hume e outros, até Kant que submette a uma critica profunda a natureza do entendimento humano, tentando fixar-lhe, no terreno philosophico, um limite acima do qual não se poderia avançar.

Segundo Kant, "a philosophia é um systema de conhecimentos universaes, formado de noções abstractas. Ella tem por fim a passagem do nosso entendimento do conhecimento sensível ao conhecimento suprasensível". Comprehende, pois, o conhecimento, iniciando-se pela sensação e attingindo o seu ponto culminante com a razão. Si acceita, de accordo com Locke, as sensações como o "estofo das idéas", com os idealistas crê que a razão imprime áquellas um molde, uma fórmula, collocando-se assim, em "um ponto de vista superior, donde possa apreciar a verdade e o erro relativo".

Para Augusto Comte, a philosophia resume em um corpo de doutrina homogenea o conjuncto dos conhecimentos adquiridos relativamente ás differentes ordens dos phenomenos: ella se constitue, segundo Littré, "pela classificação systematica das sciencias e pela exposição dos principios mais geraes que encerra cada sciencia".

Ao methodo aprioristico, puramente especulativo, oppõe o positivismo a analyse, a experimentação, a synthese, como á idéa de absoluto oppõe a idéa de relativo, na interpretação dos phenomenos, ou por outra — *o absoluto é que tudo é relativo.*

(8) A. Weber, *Hist. de la Philosophie européenne*, pg. 306.

Com Hebert Spencer a concepção relativista da philosophia, sob uma base eminentemente scientifica, como que fecha o cyclo dessa evolução que se vinha procedendo no sentido de approximar tanto quanto possivel o espirito philosophico do pensamento scientifico, ou, antes, de considerar-se aquelle como o ponto terminal deste.

A Philosophia representa para o philosopho inglez o mais alto gráo de generalidade dos nossos conhecimentos; este conceito, como elle o demonstra, resalta da propria historia dos systemas philosophicos; a philosophia grega, a principio mal definida, valendo-se de hypotheses grosseiras sobre a origem dos phenomenos, accentuou-se mais tarde, concebendo-se como um corpo de abstracções — “como o conhecimento das cousas immateriaes e eternas”. “Depois, continuou-se o estudo da philosophia, considerando-a como a explicação mais profunda do universo, explicação que se suppunha possivel, fosse attingida ou não, por um systema particular”. Em seguida a outras observações em torno da historia da philosophia na antiguidade e nos tempos modernos, resume assim o que entende por conhecimento philosophico :

“Como, pois, pode ser constituida a philosophia? Constitue-se conduzindo-se a um gráo mais longe a operação indicada. Enquanto essas verdades (as scientificas) são apenas conhecidas separadamente e tidas como independentes, mesmo as mais geraes dentre ellas não podem, sem impropriedade de linguagem, ser chamadas philosophicas. Mas quando, depois de separadamente reduzidas a um axioma mecanico, a um principio de physica molecular, a uma lei de acção social, se consideram, juntas, como os corollarios de uma verdade mais alta, chega-se á especie de conhecimento que

constitue a philosophia propriamente dita. As verdades philosophicas estão, pois, com as verdades scientificas na mesma relação em que estão estas com as verdades scientificas inferiores... E' o producto final dessa operação que começa por um simples amontoado de observações grosseiras, que continúa estabelecendo proposições mais largas e mais afastadas dos casos particulares e que termina em proposições universaes. Ou para dar a definição mais simples e mais clara: o conhecimento de especie inferior é "o conhecimento não unificado"; a sciencia é "o conhecimento parcialmente unificado"; a philosophia é o conhecimento completamente unificado. (9)

Por esse pequeno resumo historico se verifica que a philosophia, perdida a sua acceção primitiva — (comprehendendo qualquer genero de saber) — passou a ser uma visão de conjuncto dos factos e de uma certa ordem de factos considerados fundamentaes no dynamismo universal, reflectindo sempre, proporcionalmente ao progresso das sciencias, um esforço do pensamento humano para integrar em uma synthese subjectiva a unidade objectiva do Kosmos.

Nesse sentido é que ella — a Philosophia — "ordena todos os conhecimentos adquiridos, dá-lhes concepção em derredor de um principio", principio que será uma generalização ultima da experiencia scientifica.

Entretanto, estaria de pleno accordo com o

(9) *Les Premières Principes*, pgs. 105 a 111; cf. quanto a este e ao artigo que o precede — Weber, ob. cit.; *Hist. de la Philosophie*, P. Janet e G. Séailles, ch. pr.; E. de Roberty — *Philosophie du siècle*.

brilhante polemista si, em vez de oppôr a metaphysica á philosophia, tivesse antes adoptado o criterio do inesquecivel pensador argentino, José Ingenieros, definindo a ultima — “uma metaphysica da experiencia”.

Joaquim Pimenta

(Da FOLHA DO NORTE—de Belem do Pará—1927)
